Assepsia corporal das damas do passado (Mário Ypiranga Monteiro)

Muita gente se pergunta a maneira como as damas do passado (antes da água encanada) higienizavam o corpo, considerando-se dois fatores principais: a) carência de casas de banho (banheiros) nas casas: b) distâncias às vezes cruéis de cursos de água. Parece que o animal possui um faro para detectar o líquido, mesmo à grande distância, como o camelo e o dromedário, os asnos e elefantes que exprimem satisfação ao pressentirem, de muito longe, a água aliviadora. O homem, mais inteligente, aplica seus conhecimentos e técnicas na abertura de poços artesianos, trazendo a água para dentro de casa por meio de condutos de madeira, e mais tarde usando aquadutos de cantaria, de que o Brasil ainda oferece um exemplo nos arcos da Lapa.

Mas quando uma cidade com Paris ou Londres na Idade Média, embora a dois passos da água, não possuíam banheiros, fato que constituiu degradável nota de atraso na comodidade e necessidade do homem social, gregos e latinos, orientais e outros, criaram os banhos públicos, as termas, que forneciam na sua obsoleta técnicas o *tepidarium* (água tépida), o *frigidarium* (água fria) e um terceiro tipo de temperatura acomodável ao capricho do usuário, qual fosse o *caldarium* (água quente). Foi muito celebrada a terma mandada construir pelo imperador Caracala, em Roma. Era um monumento singular, cujas ruínas atestam o adiantamento da arquitetura latina e o espaventoso orgulho romano. Não havia somente um edifício consagrado aos banhos públicos, e sim vários, inclusive explorados por particulares, e também para senhoras. Em todas as colônias romanas e gregas o número de termas públicas era considerável e atendia ao reclamo do povo. Essa necessidade estava implantada até nos teatros, circos, odeons, templos, bibliotecas, ginásios, estádios, academias, e eu fotografei as latrinas romanas das ruínas da Biblioteca da ilha turca de Éfeso, imagens publicadas no meu livro *O tigreiro*, ilustrado, Manaus, 1997.

Nas habitações particulares a situação era mais onerosa e dependia do negociante de água potável, que os houve na luxuriosa Roma, tanto quanto na filosofia Atenas. Esse processo rústico de distribuição do líquido a domicílio gerou a indústria do “aguadeiro” de carroça, muito disseminado na Eurásia e transferido toda a América, inclusive com efetiva liderança na região amazônica, promovida pelo galego (da Galícia), pelo português (Portugal) e pelo espanhol (Zaragoza). Escrevemos sobre o tema um livro muito bem-aceito pela opinião pública – *O aguadeiro*, ilustrado, segunda edição, Manaus, 1977, capaz de fornecer uma idéia de como servia a população de Manaus, da água potável vendida, vivendo cerca de vários igarapés!

As moradas de casas, antigamente, não possuíam sanitários apropriados, internos. As grandes “tinajas”, ou tinas de enxaguar a pele, eram enchidas ou pelos escravos ou pelos aguadeiros de profissão, conservadas no cômodo de dormir. Naturalmente as damas

mais exigentes não deixavam de adicionar águas de cheiro (banho de cheiro), “cheiro cheiroso” (pó de patchuli, cumaru, japana, mucuracaá, jasmim, crajiru, etc.